

REENCONTRO
literatura

William Shakespeare

Rei Lear

Tradução e adaptação em português de

Hildegard Feist

Ilustrações de

Augusto Sampaio



editora scipione

Gerência editorial
Sâmia Rios

Assistência editorial
José Paulo Brait

Revisão
Fátima de Carvalho M. de Souza,
Ivana Alves Costa e
Nair Hitomi Kayo

Coordenação de arte
Maria do Céu Pires Passuello

Diagramação
Marcos Zolezi

Programação visual de capa e miolo
Didier D. C. Dias de Moraes

Ilustrações de capa e miolo
Augusto Sampaio

Roteiro de trabalho
Solanger Gomes Strausz



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br
e-mail: atendimento@aticascipione.com.br

2019

ISBN 978-85-262-4251-7

CL: 734813

CAE: 225802

1.ª EDIÇÃO
17.ª impressão

Impressão e acabamento

Traduzido e adaptado de *King Lear*, em *The complete works of William Shakespeare*.
Garden City/New York: Nelson Doubleday, s.d. v. II.



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Feist, Hildegard

Rei Lear / William Shakespeare; adaptação de Hildegard Feist; ilustrações de Augusto Sampaio. – São Paulo: Scipione, 2002. (Série Reencontro Literaria)

1. Literatura infantojuvenil I. Shakespeare, William, 1564-1616. II. Sampaio, Augusto. III. Título. IV. Série.

02-0616

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

QUEM FOI WILLIAM SHAKESPEARE?

No verão de 1587, um rapaz interiorano andava pelas ruas de Londres. Tinha consigo apenas algumas libras, mas finalmente encontrava-se no ambiente propício para desenvolver a sua vocação: a literatura.

A capital inglesa havia sido, por muito tempo, apenas um sonho para William Shakespeare. Nascido em 1564, em Stratford-upon-Avon, gozou de uma vida abastada até os 12 anos. A partir de então, com a falência de seu pai, viu-se obrigado a trocar os estudos pelo trabalho árduo, passando a contribuir para o sustento da família. Guardava, entretanto, os conhecimentos adquiridos na escola elementar, onde havia iniciado seus estudos de inglês, grego e latim; por sua própria conta, continuou a ler os autores clássicos, poemas, novelas e crônicas históricas. Era também um profundo conhecedor da Bíblia.

Aos 18 anos, já estava casado com a rica Anna Hathaway, com quem teve três filhos. Não se sabe ao certo por que motivo seguiu sozinho para Londres, quando contava 23 anos; o fato é que veio a tornar-se a figura mais expressiva da literatura inglesa. Foi o maior poeta e dramaturgo do Renascimento de seu país.

De maneira bem simples, podemos definir o Renascimento como a retomada da cultura da Antiguidade clássica, baseada na valorização de todas as capacidades do homem e no estudo e conhecimento da natureza, que se desencadeou em vários países da Europa nos séculos XIV, XV e XVI, reformulando as artes, as letras e as ciências. Esses princípios eram bem diferentes daqueles que nortearam a cultura medieval, centralizada na adoração a Deus e no estudo exclusivo dos livros sagrados e dos assuntos espirituais.

Vários foram os fatores que determinaram esse processo: a centralização do poder na figura dos reis, que estimulavam a produção artística esperando obter dessa forma uma promoção pessoal; o desen-

volvimento do comércio e das cidades; e o enriquecimento dos comerciantes, que passaram a pagar para que artistas e literatos produzissem obras que divulgassem os valores dessa classe em ascensão.

Na época de Shakespeare, o poder na Inglaterra concentrava-se nas mãos da rainha Elizabeth I, que governou entre 1558 e 1603. Foi durante seu reinado que o país passou a ter o domínio das rotas comerciais marítimas, ampliando seu império com conquistas territoriais na América, África e Ásia.

Tal efervescência cultural era bastante acentuada em Londres, onde se desenvolvia uma intensa atividade teatral. As peças, além de encenadas, eram impressas em livros e folhetins, os quais eram rapidamente consumidos pelo público. Assim, as companhias eram obrigadas a renovar seus repertórios com frequência, encomendando peças inéditas aos autores da época.

Shakespeare iniciou sua carreira como ator na companhia teatral do conde de Leicester. Pouco tempo depois, passou a dedicar-se à adaptação de textos alheios para o palco. O sucesso obtido nessa atividade levou-o a escrever suas próprias peças – a primeira delas foi o drama histórico *Henrique IV*, em 1591.

Nos dez anos seguintes, Shakespeare – agora com sua própria companhia teatral – escreveu 15 peças, quase todas comédias leves e dramas históricos ou sentimentais, como *Sonho de uma noite de verão*; *A megera domada*; *Muito barulho por nada*; *Ricardo III*; e *Romeu e Julieta*. A partir de 1601, durante um período de recolhimento e meditação, elaborou a maior parte de suas tragédias, como *Otelo*; *Hamlet*; *Rei Lear* e *Macbeth* – esta é considerada, por alguns críticos, a sua “fase sombria”. A maioria dessas obras já foi adaptada para a série Reencontro Literatura e vem obtendo grande sucesso de público, ano após ano.

Para escrever *Rei Lear*, uma de suas obras mais densas, Shakespeare se utilizou das *Crônicas da Inglaterra, Escócia e Irlanda* (1577), do historiador inglês Raphael Holinshed, que morreu por volta de 1580, e talvez tenha colhido alguns dados também na peça *A verdadeira história do rei Lear e suas filhas*, de autor anônimo, apresentada em 1594 e publicada em 1605. Nas duas fontes, Lear derrota seus

inimigos e recupera o trono – se bem que, nas *Crônicas*, após sua morte, seus netos lutam contra sua filha Cordélia, levando-a ao suicídio. Shakespeare modificou esse entrecho e acrescentou-lhe a história de Gloucester e seus filhos, baseada num episódio do poema *Arcádia* (1590), de Sir Philip Sidney (1554-86), sobre um rei cego da Paflagônia, antigo país da Ásia Menor, que também acabava reavendo a Coroa. Na versão de Shakespeare, as duas histórias se entrelaçam e terminam tragicamente, enfatizando a cegueira de pais que, apesar de velhos, não conseguem distinguir entre bajulação e amor verdadeiro. Escrita entre o final de 1605 e os primeiros meses de 1606, *Rei Lear* foi encenada pela companhia teatral do autor em 26 de dezembro de 1606, perante o rei Jaime I e sua corte, e publicada em 1608. Anos depois, sofreu alterações para comportar um final feliz, em que Cordélia se casava com Edgar, o filho leal de Gloucester e sucessor de Lear no trono. Assim foi representada até a segunda metade do século XIX, quando se restaurou o texto original. *Rei Lear* inspirou ao cineasta japonês Akira Kurozawa o filme *Ran* (1985) e ao compositor alemão Aribert Reimann a ópera *Lear* (1976-78).

Uma observação final: uma peça de teatro é mais bem apreciada quando encenada, e não quando lida pelo público. Assim, nesta adaptação, o texto original foi transposto para a forma de narrativa, de modo a facilitar a compreensão da obra e tornar sua leitura mais fluente.



1

A partilha do reino

Ao soarem as trombetas, as portas do salão se abriram de par em par. O velho rei Lear entrou, uma figura imponente, o rosto vincado de rugas emoldurado por uma cabeleira imaculadamente branca e uma barba densa que mais parecia um enorme floco de algodão. Atrás dele, guardando uma respeitosa distância, entraram suas três filhas e seus genros, os duques de Albânia e da Cornualha. Por fim os nobres da corte e os cavaleiros de seu vasto séquito se posicionaram no salão. A luz das tochas lançava reflexos avermelhados em sua coroa e projetava sombras sinistras nas altas paredes de pedra.

— Abram o mapa! — o soberano ordenou.

Imediatamente, dois lacaios desenrolaram um pergaminho de pele de carneiro, exibindo um mapa da Inglaterra tal como se configurava há muitos e muitos séculos.

— Decidi renunciar ao trono — Lear comunicou à assembleia. — Estou sentindo o peso da idade, e acho que ficarei mais leve para caminhar na direção da morte se transmitir a forças mais jovens o poder e as obrigações a ele inerentes. Assim, resolvi dividir meu reino entre minhas filhas, estabelecendo os limites de cada parte de acordo com o amor que elas me professem — explicou, dirigindo-se em seguida a sua filha mais velha: — Goneril, como minha primogênita, você deve ser a primeira a falar.

A princesa deu um passo à frente, curvou-se em reverência até que a ponta do diadema praticamente tocasse seus joelhos, apurou-se e declarou numa voz grave e rouca:

— Majestade, nem todas as palavras que conheço poderiam exprimir a grandeza do amor que lhe dedico e que, acredito, tenho demonstrado ao longo de todos esses anos. Desde que me entendo por gente eu o amo, senhor, mais que a luz de meus olhos, mais que o espaço, a liberdade, a riqueza, a honra, a saúde... enfim, mais que a própria vida!

Lear sorriu satisfeito e, estendendo a mão ossuda, salpicada de manchas escuras, próprias da velhice, correu o dedo no mapa sobre as fronteiras do território que caberia a Goneril, a seu marido, o duque de Albânia, e a seus eventuais descendentes. Uma região extensa e rica, repleta de frondosas florestas e campos férteis, de rios piscosos e verdes pradarias.

— E você, minha querida Regane, o que me diz? — perguntou à filha do meio.

Assim como a primogênita, Regane deu um passo à frente e curvou-se ainda mais que a primeira diante do pai, quase roçando as lajes do piso com o medalhão que pendia de sua grossa corrente de prata.

— Majestade, sou feita do mesmo metal que minha irmã, e faço minhas as palavras que ela lhe declarou. Só desejo acrescentar que amar o senhor é meu único propósito na vida, e que nesse amor repousa minha felicidade.

O monarca estendeu a mão novamente e indicou no mapa os contornos da parte que caberia a Regane, em nada inferior ao território que concedera a Goneril.

— É sua vez, Cordélia — disse ele, voltando-se para a filha caçula. — O que tem a declarar?

— Nada, Majestade — a jovem respondeu, fazendo-lhe uma ligeira reverência.

Lear inclinou a cabeça, como se não tivesse escutado bem.

— Nada?! Como assim?

— Não tenho o dom de expressar o que sinto em palavras — ela falou, com a voz trêmula de emoção. — Amo o senhor como uma filha deve amar um pai, nem mais, nem menos. O senhor me gerou, me criou, me educou, me amou. E eu lhe retribuo tudo isso cumprindo minha obrigação de filha, que consiste em obedecer-lhe, honrá-lo e amá-lo.

O rei ficou calado, acariciando a barba distraidamente enquanto meditava sobre o que acabara de ouvir. “Então é isso que ela sente por mim?”, perguntava a si mesmo, perplexo. “Que nome se dá a esse sentimento? Gratidão? Respeito?”

— Tão doce... tão linda... — murmurou por fim, os olhos cravados no rosto da caçula. — ... e tão dura! — exclamou. — Sabe o que você tem dentro do peito? Um coração de pedra!

Cordélia baixou a cabeça sem pronunciar uma só palavra ou fazer qualquer gesto para enxugar as lágrimas que deslizavam por suas faces pálidas.

— Pois recuso-me a aceitar essa coisa que você se atreve a chamar de amor! — Lear explodiu. — E renego você também! Não sou mais seu pai! De agora em diante, você não passa de uma estranha para mim!

Um silêncio pesado como chumbo tomou conta do salão. A corte inteira ficou imobilizada, mais parecendo um conjunto compacto de estátuas de mármore.

Um dos presentes, porém, demorou apenas alguns segundos para se refazer do espanto. Abrindo caminho entre seus pares, o conde de Kent aproximou-se do soberano e começou a falar:

— Meu bom senhor...

— Cale-se! — o monarca o interrompeu, quase num rugido. — Não se intrometa entre o dragão e sua ira! Reneguei Cordélia, sim, e sustento o que acabei de afirmar. Eu a amava mais que tudo e esperava viver com ela, tranquilo e feliz, o resto de meus dias. Mas não! Ela não me ama! Ela só me obedece e me é grata... só cumpre seu dever filial!

Transtornado pela fúria e pela dor, Lear sentiu faltar-lhe o fôlego e suas pernas fraquejaram. Lentamente, recuou até o trono e sentou-se, ofegante, mas logo se recompôs e, com sua habitual firmeza, ordenou a um velho conde:

— Gloucester, vá chamar o rei da França e o duque da Borgonha, que estão aguardando lá fora. Quanto a vocês — disse aos genros —, dividam entre si a terça parte de meu reino, que eu pretendia dar a Cordélia. Neste momento eu lhes transmito meu poder e minha autoridade, para que governem juntos e com suas respectivas esposas — continuou, retirando solenemente a coroa da cabeça. — Quanto a mim, quero preservar o título de rei e todas as honras e regalias que cabem à realeza. Quero também um séquito de cem cavaleiros, que serão mantidos por vocês. E a cada mês morarei com uma de minhas filhas. De minhas duas filhas — frisou.

Encerrado seu pequeno discurso, Lear estendeu os braços para entregar a coroa a seus sucessores. Ambos se adiantaram para recebê-la e pegaram-na quase ao mesmo tempo, cada qual parecendo mais decidido que o outro a tornar-se seu dono exclusivo.

Kent observou-os atentamente e mais uma vez tentou chamar o rei à razão:

— Majestade, bem sabe que sempre o honrei como meu senhor, que sempre o amei como a um pai, que sempre lhe obedeci como...

— Cuidado! — Lear mais uma vez o interrompeu bruscamente. — Estou com a corda tensa, o arco pronto para disparar.

— Pois dispare! — o conde o desafiou. — Mas antes me escute! Está sendo insensato! — proclamou, destemido. — Insensato? Não, Majestade! Está agindo como um louco! — corrigiu. — E como seu súdito leal tenho a obrigação de lhe mostrar a sua loucura, ainda que isso me custe a vida. O senhor está se deixando levar pelas aparências. Na verdade, Cordélia é a filha que mais o ama.

— Basta! — o rei gritou e levantou-se do trono com imprevista agilidade; então, desembainhou a espada e, segurando-a com as duas mãos, investiu contra seu vassalo.

Os cortesãos recuaram, assustados, e suas sombras projetadas nas paredes juntaram-se numa grande mancha negra e agourenta.



— Por favor, Majestade, controle-se! — o duque de Albânia pediu ao sogro.

— Calma, senhor — o duque da Cornualha reforçou.

— Deixem-no! — Kent atalhou, sem recuar um centímetro. — Pode me matar — disse ao monarca. — Mate o médico e pague a conta à doença. Mas antes volte atrás nessa partilha injusta! Do contrário, enquanto eu puder falar, vou continuar repetindo que o senhor agiu mal!

Lear recolocou a espada na bainha, enxugou o suor que lhe escorria pela barba e, numa voz aterradora que ecoou pelo salão como uma trovoadá, proferiu sua sentença:

— Dou-lhe cinco dias de prazo para resolver seus assuntos e mais cinco para cruzar a fronteira do reino. Se, a partir do décimo dia, você ainda estiver em nossos domínios, será um homem morto.

Kent ouviu sua condenação ao exílio de queixo erguido e, digno e altivo como sempre, despediu-se do rei e de suas filhas, invocando a proteção divina para Cordélia e recomendando a Regane e Goneril que confirmassem com ações concretas o amor que haviam professado ao pai.